

Cristina Azevedo Tavares

José-Augusto França: o colecionador, o museu em Tomar e a “pequena ternura”.

(...) Entrando pela couceira da portada da janela detrás da biblioteca uma haste frágil de jasmim que cresce todos dias de manhã. “Vegetalmente tua”, me diz ela - e eu experimento uma pequena ternura pela plantinha, dando-me conta de que se trata de um ser vivo (...)

José-Augusto França, Memórias para após 2000

O colecionador

Pensar e recordar José-Augusto França (frequentadora que fui de sua casa, mesmo antes de ter nascido, com uma longa amizade que se mantém viva, e também sua discípula) é rever uma personalidade para mim tutelar, complexa e múltipla. A minha posição não é por isso imparcial e desde já o manifesto, para que fique claro à cabeça do texto. É conhecido de todos nós que José-Augusto França desenvolveu uma obra vasta e interventiva no panorama nacional, quer no ensino universitário e domí-

nio científico da história, história da arte, sociologia da arte, da olisipografia, com os ensaios de crítica de arte e o seu desempenho na AICA, além das exposições que foi organizando ao longo da vida. Certamente que pouco, ou nada disto teria acontecido, se José-Augusto França não tivesse cultivado uma amizade fecunda com artistas desde muito jovem (ele gostava de dizer “muito menino”) o que permitiu desenvolver uma vertente mais escondida da sua longa atividade: a sua coleção de obras de arte. Em boa hora foi exposta publicamente em Lisboa por iniciativa da Diretora do Museu do Chiado em 1997 e rececionada com espanto por muitos que a viram.

Muitos detalhes poderíamos acrescentar a este acontecimento, uns são contados nas *Memórias Para o Ano 2000*, e na sequela *Memórias para após 2000* obras lapidares de José-Augusto França, apoiadas nos registos criteriosos das suas extraordinárias agendas que guardava sempre, tendo perdido apenas uma na década de cinquenta, e ainda nos *Folhetins Artísticos*, e nalguns textos e comunicações que, entretanto, fui realizando, recolhendo dados de relatos pormenorizados da Maitè e do próprio José-Augusto França, em caminhadas por Tomar, Jarzé, ou, tão somente, à mesa da esplanada junto ao lago no Jardim da Estrela.

José-Augusto França foi também colecionador. E como se tornou colecionador? Amigo que era de tantos artistas, galeristas, e outros tantos colecionadores, ser-lhe-ia fácil desenvolver esta faceta. E a este propósito, recordamos a título de exemplo, a coleção de Francisco e Eugénia Garcia, a quem o crítico recomendava artistas e obras, umas vezes resultando as recomendações, outras vezes não, como é sabido. Mas seria José-Augusto França um "verdadeiro" colecionador, perseguidor de obras até à exaustão, quase como um movimento para a completude?!

Creio que não, e o próprio muitas vezes confidenciou que a sua coleção consistia nas obras que os artistas e amigos - entre os quais se incluíam outros colecionadores, lhe iam oferecendo em muitas décadas de convívio, amizade e de trabalho, quer na realização de exposições, quer em inúmeras críticas publicadas em Portugal e França, em textos escritos para livros de artistas, livros até, em muitos dos casos, onde o que era diferente do gosto vigente encontrava eco. A coleção é, portanto, feita de escolhas dele e ofertas de artistas amigos, "coleção interna"¹ à qual se somaram outras obras adquiridas, tão poucas que as podemos contar pelos dedos: um desenho de Júlio comprado quando era estudante em 1944 na Galeria Buchholz, uma pintura de Botelho, "Chão do Loureiro", comprada em 1937. Por sua vez foram adquiridas na Galeria de Março na década de cinquenta as seguintes obras: uma pintura a óleo e guache de Almada Negreiros, contemporânea das

Gares Marítimas da Rocha do Conde de Óbidos com a linearidade cubista bem vincada nas figuras, assim se chama "Pintura (Interior)"; um desenho de Mário Eloy ("Duas meninas dançando") e um óleo, "Nocturno", de Hogan, representando de noite a janela aberta de par em par mostrando a Basílica da Estrela vista do atelier do pintor em Campo de Ourique.²

Na coleção, constituída maioritariamente por obras de autores portugueses do século XX, encontramos a inclusão de artistas mais recuados no tempo, como António Carneiro e Amadeo, havendo a referir mais duas obras de autores estrangeiros que foram adquiridas pelo colecionador: do pintor e realizador francês René Allio, "Composição", uma pintura sobre papel, e do pintor brasileiro Alfredo Volpi, uma Pintura a guache sobre papel. Do conjunto de obras apresentadas na exposição realizada no Museu do Chiado, figuraram peças de pequenas dimensões, um misto entre troféus e esculturas que foram designadas pelo colecionador de objetos eletivos de autoria diversa, e que o acompanharam toda a vida, junto à secretária onde trabalhava nas suas casas de Lisboa e de Jarzé.

Esta coleção que José-Augusto França assumia como a de um não-colecionador prende-se efetivamente com a sua atividade como crítico e historiador, e se analisarmos o conjunto das obras que estiveram patentes no Museu do Chiado em 1997 (não esquecer que aí foram mostrados setenta artistas, entre os quais Millares, Bissière e Vieira da Silva) e projetarmos para o grupo das obras doadas ao Nú-

¹ José-Augusto França, *Memórias para após 2000*. Lisboa: Livros Horizonte, 2013, p.39.

² Para mais informação ver o *Catálogo Coleção José-Augusto França*. Lisboa: Museu do Chiado, 1997.

cleo de Arte Contemporânea em Tomar Doação José-Augusto França - aqui referido simplificadamente como Museu de Tomar - encontramos quatro ou cinco núcleos muito fortes. São eles o modernismo, o surrealismo, a figuração e as suas novas configurações, o abstracionismo nas variantes do expressionismo abstrato, a pop, o conceptualismo e aproximações à land arte à arte povera, tal como outras manifestações artísticas do final do século passado, agregando artistas portugueses e estrangeiros. As obras destes núcleos foram amplamente interpretadas, quer na sua historiografia, quer na crítica de arte, não somente como factos artísticos de amplitude histórica e social, mas esteticamente absorvidos pelo próprio. De maneira subtil foram introduzidos como linhas de continuidade da futura narrativa museológica através da seleção dos artistas na primeira exposição realizada. É notória esta situação no que concerne ao surrealismo, ao abstracionismo, ou, a título de exemplo, o entendimento imediato que José-Augusto França manifestou na defesa da estátua de D. Sebastião (1970) de Cutileiro, que ao tempo colidia com a estatutária oficial do regime, e simbolizava a condenação da Guerra Colonial, ou a consciência da exemplaridade da obra de Joaquim Rodrigo, Noronha da Costa, Cruz Filipe ou José de Guimarães, entre outros.

A coleção então mostrada no Museu do Chiado havia anteriormente sido exposta em Paris na sede da F.C.G. A distribuição das obras foi gizada por França e o Pintor Fernando de Azevedo (amigos

desde 1947 dos tempos de convívio surrealista), e transitaria anos mais tarde para Tomar, com algumas alterações na sua constituição, quer por via de doações e depósitos de obras em diversas instituições, de algumas vendas realizadas pelo colecionador, e também pela permanência de outras obras criteriosamente escolhidas (escolhas eletivas) para as suas casas de Lisboa e de Jarzé.

O colecionador e o museu de Tomar

Na realidade, é já no final do milénio que são encetadas conversações para se abrir este caminho da colocação em local apropriado das obras da coleção José-Augusto França, e a Câmara Municipal de Tomar (cidade onde o colecionador nasceu nas Rua dos Estaus) mostrou total disponibilidade, ficando definidos os termos da doação e a fundação do Núcleo de Arte Contemporânea ainda em 1999. Foi necessário à Câmara Municipal de Tomar encontrar um edifício para albergar a coleção e adequá-lo a estas novas funções, tendo a escolha recaído na compra de uma vivenda datada do princípio de novecentos na Rua Gil Avô.³ É a 9 de maio de 2004 que o museu abre as suas portas, no edifício adquirido pela Câmara Municipal, remodelado pelo arquiteto Jorge Mascarenhas, que manteve a traça original, oferecendo três pisos para exposição e uma entrada razoável fora de portas com o chão calcetado à portuguesa, onde se erguem a escultura "Árvore Azul" de José

3 Relativamente a este tema ver de SILVA, R.H., Tavares, C.A., Núcleo de Arte Contemporânea em Tomar. Coleção

José-Augusto França. *Monumentos*, n.º 37. Lisboa: Direção geral do Património Cultural, 2019.



Foto 1 - Obras de Eduardo Néry e de José Guimarães
Modulação Luminosa
Árvore Azul no exterior do museu
© Câmara Municipal de Tomar

4 A exposição patente em fevereiro e março de 2000, apresentou dezoito obras de Júlio Resende, Fernando de Azevedo, Vespeira, Fernando Lemos, Lourdes Castro, René Bértholo, Jorge Martins, António Sena, Noronha da Costa, Vasco Costa, Palolo, Manuel Casimiro, José de Guimarães, Henrique Ruivo, M. Amorim

e Luis Lemos. Joaquim Rodrigo não integrou, dado que as obras de Joaquim Rodrigo se encontravam retidas na exposição que lhe era dedicada tinha no Museu do Chiado. Como José-Augusto França referiu no texto do catálogo correspondem a artistas da terceira (anos 40 e 50), e quarta (anos 60 e 70) gerações.

Guimarães e o painel de azulejos de Eduardo Néry intitulado "Modulação Luminosa", obras site specific oferecidas ao museu pelos dois artistas.

Quanto ao traçado museológico, este foi planeado por José-Augusto França e Fernando de Azevedo, tendo ficado o Arquiteto José Faria responsável pela sua execução, e havendo ainda a colaboração da comissão orientadora. Após a doação, e ainda sem museu em 2000, França e Azevedo com a colaboração efetiva do Arquiteto José Faria e da conservadora Angela Ferraz iniciam um ciclo de exposições na Galeria dos Paços do Concelho, de traça renascentista, para dar a conhecer aos tomarenses o recheio do futuro museu, fruto da sua generosa doação. Referimo-nos a exposições individuais e algumas coletivas - aliás a primeira neste ciclo trimestral foi uma coletiva, intitulada "16 Pintores Contemporâneos"⁴ - que constituía uma primeira apresentação das obras doadas. Todas as exposições eram documentadas



Foto 2 - Tomar: Galeria dos Paços do Concelho (2000-2012).
© Câmara Municipal de Tomar

por um catálogo folheto, organizado e escrito por José-Augusto França. O colecionador e doador era simultaneamente, o curador e divulgador da sua antiga coleção, e procurava-se que o artista estivesse presente na inauguração, e fizesse uso da palavra, ou até publicasse um depoimento no catálogo, havendo sempre a apresentação da exposição aquando da inauguração por um elemento ou mais da comissão orientadora.⁵

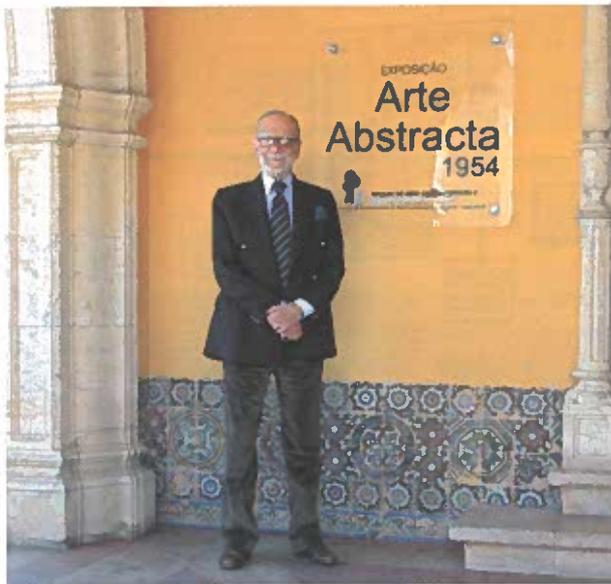


Foto 3 - José-Augusto França no NAC.2 - Edifício do Turismo, Tomar, 2015. Inauguração da Exposição Comemorativa do Salão de Arte Abstracta da Galeria de Março (1954)
© Cristina Tavares

⁵ Inicialmente a comissão orientadora foi constituída pelo casal França, Rui Mário Gonçalves, Fernando de Azevedo e Raquel Henriques da Silva. Após a morte

de Fernando de Azevedo e de Rui Mário Gonçalves, integram a comissão Cristina Azevedo Tavares e Ana Tostões.

Antecipando a criação do museu (NAC) as exposições constituíram uma forma de o valorizar, colocando na ordem do dia a necessidade da sua implantação, o que viria a acontecer quatro anos depois. Em 2012, por vontade política da Câmara Municipal de Tomar, foi fechada a Galeria dos Paços do Concelho, e aberta em sua substituição outra, num antigo edifício projetado por Raul Lino onde funcionava no piso térreo o posto de turismo. A Galeria de Exposições Temporárias (NAC.2) seria instalada no 1.º piso, tendo sido preparada a sala para o efeito com painéis e iluminação adequada. A 56.ª exposição ocorreu no verão de 2019 com o título “O Escritório do França” e assumiu-se como uma evocação através da fotografia de retratos individuais e de grupo e da relação de José-Augusto França com o Jardim da Estrela, e a esplanada ao pé do lago dos patos, onde reunia aos fins de semana de manhã com os amigos, antigos alunos, editores, críticos, à volta de uma chávena de café. De vidro, que isto de tomar café em copos de plástico não era com ele, e, portanto, transportava dentro das suas enormes algibeiras da gabardine, ou nos bolsos do blazer, uma chávena a preceito para o seu café.

Mas retomando as exposições no NAC.2, a Câmara Municipal de Tomar manifestou interesse em dotar a galeria com maior afluência de público, estudando a possibilidade da sua instalação numa rua mais movimentada e ao nível do rés-do-chão perto da Corredoura, acabando por ser desativada a galeria anterior, e aguardando-se no presente a abertura do novo espaço e a continuidade do programa expositivo.

A proximidade entre o museu (NAC) e a galerias dos Paços do Concelho e do NAC.2 na articulação de conteúdos e atividades tem sido primordial, para a saúde do próprio museu e da coleção, que de outro

modo não tem condições para mostrar a totalidade do acervo, nem atualizar a obra dos seus artistas. Outro aspeto importante, é o facto de artistas que não integravam a coleção terem sido convidados pela comissão orientadora a expor individualmente nas galerias, como o escultor José Aurélio, os pintores António Viana, Graça Morais, entre outros, propiciando uma atualização da coleção e tornando-a mais abrangente, através das doações feitas pelos próprios.

A estratégia de divulgação cultural que José-Augusto França gizou relativamente ao museu e à(s) galeria(s) com o apoio da Câmara Municipal⁶ passou ainda pela realização de algumas comemorações: em 2009 o centenário do nascimento do pintor António Pedro; a exposição evocativa da 1.ª exposição surrealista em 1949 do Grupo Surrealista de Lisboa na Casa dos Cubos,

com uma sessão no Clube Tomarense, e ainda a comemoração da atividade da Galeria de Março em defesa do abstracionismo, evocando o 1.º Salão de Arte Abstracta (1954) no ano de 2015.

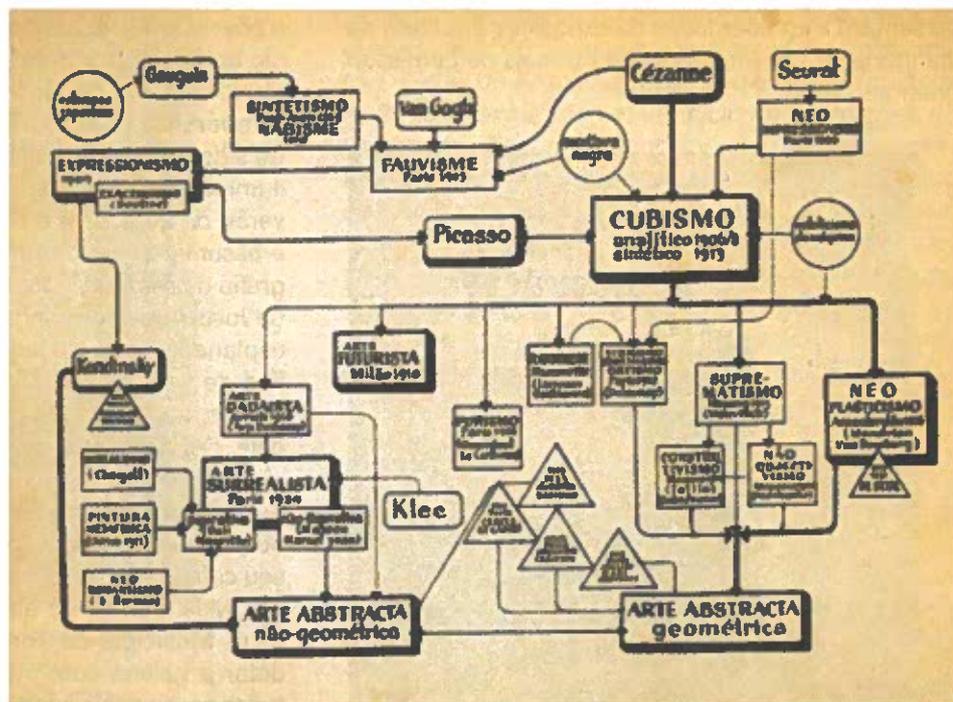


Foto 4 - Organigrama, 1.º Salão da Arte Abstrata
Galeria de Março, 1954. Arte Abstrata-1954, NAC.2, 2015, Tomar.
© Cristina Tavares

⁶ Têm sido bastante significativas para a prossecução das atividades desenvolvidas as colaborações efetivas por parte

dos serviços da Câmara Municipal, e em diferentes âmbitos de Ana Soares, Patrícia Romão e Filomena Simas.



Foto 5a e 5b - Piso 1, Recepção e sala dedicada ao Desenho
(Almada, Mário Eloy, Surrealistas, Estudos das obras colocadas no exterior).
© Câmara Municipal de Tomar

Verificamos que o conjunto das obras que se encontram no museu de Tomar correspondem a uma parte muito substantiva da coleção de José-Augusto França, predominando a pintura, o desenho e a gravura, sendo a escultura mais escassa, e começando cronologicamente em 1932. Cada um dos três andares articula-se quase geometricamente com gerações diferentes, encontrando-se as salas repletas de obras. O primeiro piso representa simbolicamente o começo da atividade de José-Augusto França como crítico de arte, e a sua forte amizade com os surrealistas, mas também o seu estudo profundo sobre as raízes do modernismo com Almada. Deste modo têm lugar os modernistas e a terceira geração, e estão presentes Almada, Eloy, Bernardo Marques, o núcleo dos surrealistas com pintura e desenho, e António Pedro com duas esculturas, Fernando de Azevedo e



Foto 6 - Piso 2, Anos 60 e 70, incorporando os prémios Maluda.
Representados: Noronha da Costa, Cruz, Filipe, João Vieira, René Bértholo, Jorge Martins, Lourdes de Castro, Armanda Passos, Júlio Santos, Ângelo de Sousa, José Guimarães, Joaquim Rodrigo, Cutileiro, José Barrias, entre outros.
© Câmara Municipal de Tomar

Fernando Lemos (com obras de setenta), Moniz Pereira e uma grande pintura gestual de Vasco Costa. Em seguida encontram-se expostos os projetos artísticos de José de Guimarães e Eduardo Nery para a entrada do museu, espelhando a concretização do museu com a sua doação.

Em seguida, através da escada interior com diversas obras expostas, chegamos ao segundo piso onde, para além dos Prémios Maluda⁷ atribuídos na década de noventa, encontramos a quarta geração,



Foto 7 - Piso 3, Sala dedicada ao desenho e à gravura com duas peças de Cutileiro e alguma pintura.

Representados: Júlio Santos, Júlio Resende, A. Dacosta, Eurico Gonçalves, Albertina Mântua, Paulo Pereira, Dourdil, Romy Castro, os 4 Vintes, Alberto Carneiro, José Barrias, Graça Morais, Fernando Lanhas, entre outros.

© Câmara Municipal de Tomar

com obras de vários artistas do KWY, José Escada, João Vieira, Lurdes Castro, René Bértholo, uma aproximação à pop com Palolo, obras de José Guimarães e Luís Lemos, desenhos intimistas de Ângelo, António Sena, José Júlio e ainda uma zona dedicada a Noronha da Costa, Joaquim Rodrigo, Cruz Filipe e o "D. Sebastião" de Cutileiro. Há a acrescentar uma mesa em mármore de embrechados que veio da casa de Vila Moura para o museu, também do escultor Cutileiro, e um busto retratando José-Augusto França. No final, antes da escada que conduz ao último piso, uma obra de Manuel Barrias. Tal como nos níveis anteriores encontramos também pintura, desenho, gravura e escultura, cruzando-se autores de diferentes gerações. Abrindo a sala, uma obra significativa do expressionismo abstrato de Eurico Gonçalves, um Lemos de caligrafia abstrata, um Dacosta fechando o ciclo surrealista, e um Júlio, singular, (menina) desenho a tinta-da-china. Depois sucedem-se obras de Júlio Resende, Jorge Martins, Albertina Mântua, Henrique Ruivo e José Rodrigues, desenhos de Paulo Ferreira e de Dourdil, uma pintura explorando os negros de Romy Castro e a presença do Grupo Os Quatro Vinte, e obras representativas de Helena Almeida e de Alberto Carneiro, respetivamente no campo da objetualidade e da fotografia.⁸

O que releva deste museu é precisamente o fio condutor de uma narrativa que, quer na história da arte, quer na crítica de arte, está ligada indissolavelmente a José-Augusto França e foi escrita por ele.

⁷ O Prémio atribuído pela Fundação Maluda distinguiu Ana Vidigal, Cristina Valadas e Fala Mariam, entre outras pintoras.

⁸ Para o conhecimento das obras patentes no museu de Tomar e as exposições nos Paços do Concelho ver de Rui Mário

GONÇALVES - *Exposições na Galeria dos Paços do Concelho, 2000-2012*. Tomar: Museu Municipal de Tomar, 2014.

Há um laço inquebrável entre a biografia do colecionador, crítico e historiador com cada peça que se encontra no museu, esbatendo-se cada uma destas áreas no conjunto exposto publicamente, uma vez que esta narrativa percorre uma parte significativa da produção artística do século passado. Aceitamos que há omissões de autores, sobretudo se ousarmos completar esta narrativa, mas introduzi-los seria falsear a ligação à coleção original. O contributo deste pequeno museu reside precisamente na sua localização nesta cidade templária com um património exemplar, sobre a qual José-Augusto França escreveu uma monografia em 1994. Por outro lado, trata-se de um museu que através das obras expostas completa outras coleções de museus públicos e privados portugueses, apresentando a especificidade tempo-

ral e seletiva no elenco das obras selecionadas, que lhe advém da relação intrínseca com a atividade da crítica de arte. Esta circunstância manifesta uma pequena ternura, e neste particular, não pela natureza que José-Augusto França admirava intrinsecamente, mas revelando-se uma afeição desprendida, ao doar as suas obras, conjunto que foi enriquecendo ao longo dos anos, tal como ocorreu com o Centro Documental, num trânsito efetivo das obras que estavam nas paredes das suas casas de Lisboa e Jarzé para o museu de Tomar.

Lisboa, Setembro de 2022

Cristina Azevedo Tavares
Professora da Faculdade de Belas-Artes
da Universidade de Lisboa